

**JOÃO E MARIA E MARIA E JOÃO: A ATUALIZAÇÃO DE SENTIDOS NO
ENCONTRO COM A BRUXA**

**JOÃO AND MARIA AND MARIA AND JOÃO: UPDATE OF SENSES IN THE
ENCOUNTER WITH THE WITCH**

Sabrina Glória de Jesus¹

Universidade Federal do Tocantins

Damião Francisco Boucher²

Universidade Federal do Tocantins

Thiago Barbosa Soares³

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Neste artigo, propomos analisar uma das várias redes de dizeres sobre a mulher. A questão de ancoragem que move a análise nos impele a compreender como as projeções de sentidos, os arquivos, os já-ditos sobre o papel feminino em sociedade, estabilizados em dado espaço/tempo, materializados em livros, e-books animações e filmes, digitalizam-se, recompõem-se, deslinearizam-se, expandem-se e, por fim, (res)significam-se. Para a realização de nosso trajeto analítico, aplicamos os referenciais teórico-metodológicos da Análise do Discurso, sobretudo as noções de espaço digital, relações de sentidos, de processos parafrásticos e polissêmicos, das memórias, do movimento inter e intradiscursivo e outros dispositivos imprescindíveis na mobilização da dinâmica analítica. Com esse movimento epistemológico, a partir da materialidade filme *Maria e João: o conto das bruxas* (PERKINS, 2020) que compõe nosso corpus, procuramos observar as estabilizações e as derivas semânticas que atualizam os sentidos de ‘mulher’ no referido filme. Através da análise, esperamos compreender como se dão tais ruptura discursivas e como a reconfiguração da estrutura sintagmática ‘Maria e João’ denuncia não somente a recursividade sintático-semântica, mas também a mudança das projeções discursivas que compõem o imaginário sobre o papel feminino.

Palavras-chave: Inversão sintática; *João e Maria*; Relações de gênero; Subalternização feminina.

Abstract: In this article, we propose to analyze one of several networks of sayings about women. The issue of anchoring that moves the analysis impels us to understand how the projections of meanings, the archives, the already-said about the female role in society, stabilized in a given time/space, materialized into books, e-books, animations and movies, digitalize, recompose, not

¹ Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Email: sabrina.gloria@mail.uft.edu.br.

² Mestre em Letras com atuação nas áreas de Texto, Discurso e História pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Email: boucherplace@gmail.com.

³ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); professor nos cursos de graduação em Letras e de pós-graduação *stricto sensu* em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

delinearize, expand and, finally, (re)signify themselves. To carry out our analytical path, we applied the theoretical-methodological references of Discourse Analysis, especially the notions of digital space, relations of meanings, paraphrastic and polysemic processes, memories, inter and intradiscursive movement and other essential devices in the mobilization of analytical dynamics. With this epistemological movement, from the materiality movie *Maria e João: o conto das bruxas* (PERKINS, 2020), which constitute our corpus, we observe the stabilizations and semantic drifts that update the meanings of ‘woman’ in the referred film. Through the analysis, we hope to understand how such discursive ruptures occur and how the reconfiguration of the syntagmatic structure ‘Maria e João’ denounces not only the syntactic-semantic recursion, but also the change of discursive projections that establish the imaginary about the female role.

Keywords: Syntactic inversion; *João e Maria*; gender relations; Female subordination.

Submetido em 12 de janeiro de 2022.

Aprovado em 18 de janeiro de 2022.

Considerações iniciais

O conto de fadas *João e Maria* é uma adaptação brasileira da clássica história da tradição oral europeia, transcrita pelos irmãos alemães Jacob e Wilhelm Grimm que conta como duas crianças, famintas e atraídas por uma casa feita de doces, são capturadas por uma bruxa que deseja devorá-las. Assim como diversas outras narrativas transcritas pelos irmãos Grimm, *João e Maria* sofreu diversas adaptações literárias, teatrais, musicais e cinematográficas. Com o advento da era da informação e com a constituição do espaço digital como “relação de memória que se estende para além do dispositivo” (DIAS, 2021, p. 37), ou melhor, para além do espaço empírico, localizado, restrito e provisório, os sentidos da narrativa clássica e o papel da mulher na posição subalternizada, através dessas variadas adaptações, simultaneamente se recomporam, deslinearizaram-se, expandiram-se e, por fim, (res)significaram-se dentro das formas de historicização da mulher, contribuindo para a manutenção da rede de dizeres sobre o comportamento e o lugar feminino. Como consequência, essas cadeias discursivas que ora estabilizam, ora deslocam o lugar da mulher e sua posição social mantêm a estrutura básica das diversas narrativas na atualização de sentidos, mas também as tornam independentes e constituem leituras para além do conto original.

Ao tomarmos como *corpus* de análise a adaptação cinematográfica *Maria e João: o conto das bruxas*, produzido por Oz Perkins (2020), nos perguntamos: quais os sentidos constitutivos da representação da personagem Maria na obra de Perkins? Para além dessa reflexão, ainda questionamos como os sentidos do sintagma ‘Maria’ funcionam nas construções sintáticas ‘João e Maria’ e ‘Maria e João’ ao considerarmos não só a afetação da língua, mas também da historicidade e dos sujeitos envolvidos.

Considerando que o longa metragem apresenta aparentemente os mesmos personagens clássicos do conto de fadas (*João e Maria*), o presente artigo tem como objetivo analisar o discurso engendrado na materialidade fílmica e como a personagem Maria é (re)significada. Para tal selecionamos cenas do filme em Sequências Discursivas (doravante SDs) que compreendem os discursos engendrados no encontro dos protagonistas com a bruxa.

Para responder às questões propostas, utilizamos do aparato teórico metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, constituída por Michel Pêcheux (1997). O presente trabalho demanda alguns dispositivos teóricos e analíticos produtivos para a análise, tais como as noções de espaço digital (DIAS, 2021), relações de sentidos, de força, de processos parafrásticos e polissêmicos (ORLANDI, 2015), do papel das memórias (ACHARD, 2015), do movimento inter e intradiscursivo (ORLANDI, 2015), do pré-construído (COURTINE, 2014) e outros dispositivos imprescindíveis na mobilização da dinâmica analítica.

Com o referido instrumental teórico e metodológico, a partir da materialidade fílmica, procuramos observar as estabilizações e as derivas semânticas que atualizam os sentidos de “Maria” no filme em questão. Através dessa análise, esperamos compreender como se dão tais ruptura discursivas e como a reconfiguração da estrutura sintagmática ‘Maria e João’ denuncia não somente a recursividade sintático-semântica, mas também a mudança das projeções discursivas que compõem o imaginário sobre o papel feminino.

Considerações teóricas: uma ruptura do espaço puramente linguístico

No Brasil, a Análise do Discurso foi reterritorializada a partir dos trabalhos da professora e pesquisadora Eni Orlandi. A autora, a partir de seus trabalhos na Unicamp, difundiu a Análise do Discurso por todo o país e formou gerações de pesquisadores. Para além dela, são inúmeros os autores que questionam o processo de produção de sentidos a partir de uma perspectiva materialista, sobretudo no ambiente digital e no espaço digital (duas espacialidades bastante distintas) constituídos pelas memórias naturais, mas também pela “memória metálica, os multimeios, a informática, a automação” (ORLANDI, 2015, p. 8).

Sobre o questionamento dessas produções de sentidos a partir da perspectiva materialista, dentro do campo digital⁴, Dias (2021) percebe a diferença entre ambos os

⁴ Termo utilizado para definir a esfera geral, ou melhor, o campo integral do objeto discursivo ‘digital’ constituído pelo ambiente digital, uma interface bem localizada, restrita e provisória como o significado

objetos constitutivos dessa esfera, relaciona-os e delimita as fronteiras entre “ambiente digital” e de “espaço digital” como “objetos discursivos” (DIAS, 2021, p. 37). A autora aponta a relação entre significado (estrito) e sentido (amplo); entre o ambiente empírico (materialidade delimitada e delineada) e o espaço (materialidade ampla que atravessa o dispositivo empírico) para nos apresentar essa diferença sutil e comumente tratada como sinônimas pelo senso comum.

Isso nos possibilita compreender que as noções de ambiente e de espaço digitais dialogam com a noção de “lugar (empírico) e de posição (discursiva). Enquanto o ambiente representa o lugar, o espaço refere-se à posição não evidente do sentido do digital e, portanto, “não se confunde ao ambiente digital [...] ele vaza porque é fluxo e se demarca em distintas espacialidades” (DIAS, 2021, p. 37-38).

Ao lançar mão dessa relevante noção, compreendemos como a emergência dos sentidos nas redes de dizeres sobre a mulher, na fronteira do espaço empírico (o filme) com o espaço digital, traz novas perspectivas e expande a possibilidade da textualização, ou melhor, da natureza material do objeto a ser analisado, “seja ele, uma imagem, um texto, um ícone, um vídeo, uma postagem, etc.” (DIAS, 2021, p. 46).

Dessa perspectiva, depreendemos que o espaço digital “como um campo de questões que se abrem para compreendermos as novas formas de existência histórica da discursividade e dos sujeitos” (DIAS, 2021, p. 46), é representativo do lugar em que acontece a digitalização, a recomposição, a deslinearização e a (res)significação da personagem Maria e de sua posição inferiorizada no processo de produção de sentidos e que é posto como lugar natural e comum, por meio da interlocução dos sujeitos promotores e mantenedores dessa rede de sentidos.

Nesse diapasão, a Análise do Discurso é uma disciplina que se preocupa com o discurso, compreendendo-o como “efeito de sentidos entre interlocutores” (PÊCHEUX, 1997, p. 82). O discurso é efeito de sentidos porque o que é dito não necessariamente significa da mesma forma para quem enuncia e para quem escuta. Podemos compreender que o discurso se diferencia da língua e da fala, tendo em vista que, no discurso, o analista deve levar em consideração a história, as condições de produção e a subjetividade do sujeito, considerando as falhas e equívocos inerentes à língua.

Nesse sentido, as noções de paráfrase e polissemia, o jogo entre o mesmo e o diferente na língua são muito caras para compreendermos a impossibilidade da

restrito a um ambiente, e pelo espaço digital, uma relação de memória que vai além da interface, atravessa, toca e caminha ao lado das noções de sentido, de direção e de materialidade (DIAS, 2021).

univocidade na língua. A paráfrase seria o que se mantém, o retorno a espaços já significados; já a polissemia é o oposto, é o deslocamento, o novo, o equívoco, a ruptura nos processos de significação (ORLANDI, 2015). Essas noções também podem ser compreendidas como produtividade e criatividade, isto é, o ato de usar a língua com regras determinadas para (re)produzir enunciados de forma recursiva e a ruptura, o momento em que a língua se movimenta e faz originar sentidos diferentes.

É nesse movimento entre o mesmo e o diferente que o nosso objeto, a discursivização de Maria no filme *Maria e João: o conto das bruxas*, é prescrutado. Muitos sintagmas, como é o caso de ‘João e Maria’, reaparecem sob a forma de pré-construídos. A esse retorno de determinados sentidos engendrados em dado sintagma que resguarda sentidos anteriores e exteriores à sua condição atual de emergência, Courtine (2014) destaca que o pré-construído “marca a existência de um descompasso entre o interdiscurso como lugar de construção do pré-construído e o intradiscurso como o lugar da enunciação de um sujeito” (COURTINE, 2014, p. 74).

A referida noção nos ajuda a apreender como a (des)continuidade dos sentidos marcada pela interdiscursividade, ou seja, pelas memórias constitutivas do dizer (ACHARD, 2015), emerge no campo da formulação, isto é, no intradiscurso como um efeito discursivo ligado à formação sintática. Além de refletir e refratar o movimento contínuo dos sentidos a partir do campo interdiscursivo para o campo intradiscursivo, o jogo entre a paráfrase e a polissemia demonstra a tensão entre o simbólico e o político, pois, sendo todo dizer marcado pela ideologia, o discurso constantemente é tensionado entre a reprodução e a transformação dos sentidos que já estão posto (SOARES, 2018).

As noções de paráfrase e polissemia, que funcionam no dizer em determinadas condições de produção, são constituídas a partir de sua inscrição em uma formação discursiva (doravante FD) – uma noção polêmica, mas fundamental para compreender o processo de produção de sentidos. A FD é o que “a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*” (PECHÊUX, 1995, p. 160, itálicos do autor). Assim, o que o sujeito diz depende da FD para gerar determinado sentido, e não outro.

A FD, portanto, é o que determina a significação das palavras no discurso. As palavras não apresentam um sentido único, estabilizado, determinado por uma natureza inscrita no sujeito. Os sentidos são constituídos a partir das disputas configuradas no social, se materializando em regiões do dizer que estabilizam significações contraditórias,

sobretudo “nas novas formas de existência da discursividade e dos sujeitos, *os espaços digitais*” (DIAS, 2021, p. 46, itálico nosso) .

Desta forma, como também ressalta Indursky (2019), é inviável conceber o ato da comunicação como simples e pura transmissão de informação, “pois isso conduz a uma concepção de sentido prévio, estabilizado, sem ambiguidade. No novo enquadramento teórico, não se trata do envio de uma mensagem, mas de efeito de sentidos trocados entre A e B” (INDURSKY, 2019, p. 169). Assim, a noção de FD é importante para compreendermos o processo de produção de sentido inscrito em determinado objeto que, nesse caso, apresenta-se como o conto *João e Maria* e o filme *Maria e João: o conto das bruxas* (PERKINS, 2020).

Em se tratando da peça fílmica, é relevante considerar não só o ponto de início, mas todo o percurso (indeterminável) dos dizeres sobre a mulher em sociedade, como esta é (re)tratada, porquanto estes dizeres são sempre atravessados por conjuntos de ideias, ideologias, que, sem a possibilidade de determinar seu início nem seu fim, projetam a posição e o papel da mulher de dada época em dada espacialidade.

De outro modo, esse contínuo discursivo é possível porque um discurso aponta para o outro, que aponta para o outro, recursivamente no contínuo e descontínuo da história, perpetuando o movimento das formações sociais. Entendemos essa relação de continuidade das redes de sentidos sobre a mulher como uma relação de sentido, porquanto “não há discurso que não se relacione com o outro” (ORLANDI, 2015, p. 37) e, dessa forma, mantém-se a projeção das ideologias e suas heterogeneizações diante dos embates discursivos.

Sobre a noção de ideologia, a Análise do Discurso a ressignifica, apresentando uma definição discursiva. Orlandi (2015) assevera que não existe sentido sem interpretação, pois qualquer manifestação simbólica só faz sentido quando o sujeito se coloca diante do dizer e se pergunta sobre o significado. Assim, a interpretação é sempre atravessada pela ideologia, que tem o trabalho de produzir evidências e inserir o sujeito em sua relação imaginária com as condições materiais de existência (PÊCHEUX, 1997).

Diante dessas considerações, contata-se que a ideologia está na base da relação entre memória e esquecimento. Todo dizer compreende uma história, já que qualquer formulação atualiza dizeres já-ditos, ainda que seja possível haver deslocamentos. Em outras palavras, todo dizer joga com a relação entre paráfrase e polissemia, conforme explicitado anteriormente. Por essa razão, “as palavras mudam de sentido conforme as posições sustentadas por quem as emprega, ou seja, não só a formulação textual, mas

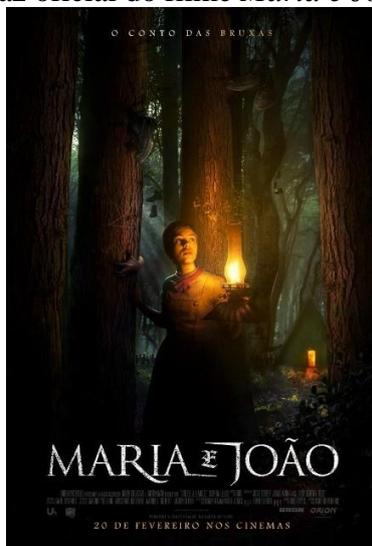
também os efeitos de sentido são determinados pela formação discursiva” (SOARES, 2018, p. 117-118).

Mediante o exposto, o tópico seguinte será voltado para a aplicação do aparato teórico e metodológico aqui mobilizado, verificando, dessa maneira, o processo de produção de sentidos em recortes do filme *Maria e João: o conto das bruxas*, uma adaptação do conto original dos irmãos Grimm, conhecido na versão brasileira como ‘João e Maria’.

Análise: João e Maria, Maria e João

Ao considerar as animações e os filmes como espaços digitais mais amplos (DIAS, 2021) e ao primarmos por uma didatização que torne inteligível o entrecruzamento da descrição e da interpretação, empregaremos o aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de forma a: a) descrever e interpretar nas sequências discursivas as relações de sentido existentes entre a adaptação fílmica e seu interdiscurso; b) verificar as estabilizações (paráfrases) e as derivas (polissemia) de sentidos na materialidade proposta; c) tratar da (des)continuidade da FD estabelecida na adaptação, no que diz respeito à rede de dizeres sobre o papel da mulher em sociedade. Diante desse plano de percurso, passamos às análises.

Figura 1 – SD1: Cartaz oficial do filme *Maria e João: o conto das bruxas*



Fonte: IMDB, 2020.

Nesta imagem, observamos o cartaz do longa-metragem, em que Maria está totalmente centralizada na imagem e João sequer aparece na cena, repercutindo o sentido

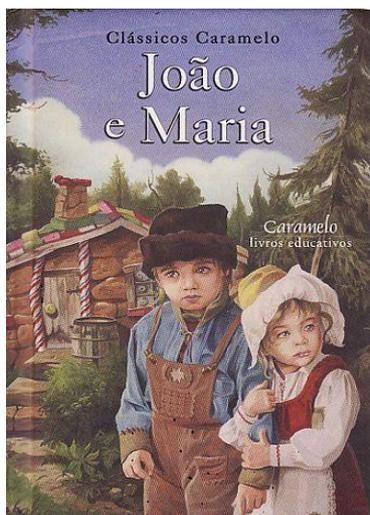
de que Maria é a protagonista. A inversão simbólica de protagonismo, que neste filme passa a ser de Maria, e não de João, pode ser observada no cartaz promocional do filme acima (SD1). Esse efeito de protagonismo é, ainda, acentuada pelo foco de luz que está no rosto de Maria, enquanto todo o resto está obscurecido pela penumbra da floresta.

Diferentemente do projetor semântico, ou melhor, do pré-construído (COURTINE, 2014), *João e Maria* o qual reverbera o protagonismo masculino, a capa de *Maria e João* refrata em outras direções possíveis, distancia-se do tradicional, joga com o simbólico das redes de sentido patriarcal as quais tentam manter o homem em posição de prestígio. Também podemos notar que Maria é uma mulher madura, não mais uma criança, como no clássico conto dos irmãos Grimm. A obscuridade e os símbolos nas árvores também ajudam a desenvolver um ambiente com sentidos tipicamente de conto de fadas, utilizando os sentidos de terror engendrados na representação da floresta assombrada.

Há nessa descrição sucinta o funcionamento das relações de sentido (ORLANDI, 2015) que interligam nosso objeto a memórias discursivas em torno do pré-construído (COURTINE, 2014) “João e Maria”, a partir de elementos aparentemente sinonímicos invertidos. Nessa capa, temos os efeitos do protagonismo de Maria, porquanto sua posição discursiva (ORLANDI, 2015) deixa de ser a de mulher desprotegida pelos efeitos polissêmicos causados pela falta da figura masculina e pela lamparina, simbolismo da iluminação do caminho, do despertar do sujeito em diversas culturas.

Nesta Sequência Discursiva (SD1), a capa faz funcionar os sentidos de uma mulher sozinha, jogada a sua sorte e que precisa salvar seu irmão das garras da bruxa. De outro modo, nesse movimento polissêmico (ORLANDI, 2015) que desloca Maria de sua posição de desprestígio, temos em *Maria e João*, como o título mesmo sugere, um protagonismo que representa a resistência da mulher frente a uma histórica luta de gênero. Diferentemente dessa deriva de sentidos em Maria e de seu papel de protagonista, se buscarmos na interdiscursividade (COURTINE, 2014) as memórias que constituem a ideia da adaptação fílmica, perceberemos o contraste da FD constitutiva do filme com o conto original, porquanto os sentidos de *João e Maria* desestabilizam em *Maria e João*, porquanto a falta da figura masculina reverbera outros sentidos, desencadeando o deslizamento para outras regiões semânticas. Abaixo, pensando o campo interdiscursivo, podemos observar a estabilização do pré-construído “João e Maria”

Figura 2 – Capa de um livro *João e Maria* do conto clássico



Fonte: JOÃO E MARIA, 2020.

Na SD2 acima que representa o interdiscurso (COURTINE, 2014) da adaptação “Maria e João”, observamos a ratificação do discurso patriarcal tanto no pré-construído ‘João e Maria’, quanto na configuração e disposição dos personagens do conto na capa. Com isso, percebemos que há a estabilização de sentidos nesse pré-construído “João e Maria”. Ora, não é à toa que o nome da figura masculina aparece primeiro; diferentemente do banner do filme (SD1) cuja configuração e disposição da personagem, bem como a ausência da figura masculina apontam para outras regiões de sentido, trazendo à tona o deslocamento (ORLANDI, 2015) de toda uma rede de sentidos sobre a mulher, sua posição e seu papel em sociedade.

Note que, dá esquerda para a direita, João olha fixamente para frente, enquanto Maria olha para trás de forma assustada. Nessa configuração se estabelece a lógica da superioridade a qual se encontra atrelada à FD machista (PÊCHEUX, 199) que determina não só o que pode ou deve ser dito, mas principalmente o que deve ou não ser feito; colocando, pela assimetria histórica e simbólica, a mulher em uma posição de fragilidade.

Desse ponto, compreendemos que a SD1 representa o ponto de ruptura de uma FD conservadora para uma FD progressista. Se observarmos também a forma como são dispostos João e Maria na imagem, podemos perceber os sentidos do discurso machista (JUNIOR, 2017) reverberando em silêncio (ORLANDI, 2007).

Da mesma forma que se lê o pré-construído ‘João e Maria’ da esquerda para direita, encontra-se também a disposição dos personagens (primeiro João, depois maria). Estes também se materializam pela projeção imagética de Maria agarrando com força (e com as duas mãos) o braço de João, demonstrando a simbólica vulnerabilidade feminina.

Essa produção de sentidos não é ingênua, respeita uma ordem maior do que a ordem linguística, tocando também o histórico e o simbólico (ORLANDI, 2015).

É nesse jogo semântico, nessa deriva de sentidos que podemos observar o jogo simbólico e a tentativa de ruptura dos valores materializados e estabilizados em sociedade. Na SD1, há o trabalho da polissemia (ORLANDI, 2015) cujos efeitos põem em rastreamento as FDs do autor do filme. Este se encontra alocado em uma posição de resistência frente ao contínuo processo de objetificação e subalternização da mulher.

O percurso temático do filme (SD1) gera sentidos outros justamente pela FD do autor que se opõe ao que é preconizado no clássico conto representado pela SD2. Não se trata aqui de lococar o autor em uma formação discursiva femista ou feminista, buscando a lógica da tipificação discursiva. Acreditamos, assim como Authier-Revuz), que as FDs do autor e conseqüentemente seu discurso “é constitutivamente atravessado pelo ‘discurso do Outro’” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69, aspas da autora). Assim, o autor, em seu percurso temático, apresenta outros sentidos possíveis, tateando outras regiões de sentido, a saber, os ideais menos conservadores.

Volando à SD1, não podemos deixar de mencionar, é claro, a inversão proposital no nome dos irmãos. Na grande maioria das adaptações e releituras da obra original dos irmãos Grimm, o nome de João sempre aparece na frente, como na SD2, pois isso retoma os sentidos do campo interdiscursivo na qual a soberania masculina, ou melhor, o homem deve estar à frente; ele ocupa o lugar de protagonismo. Ao inverter essa ordem na SD1, o filme enuncia que haverá também uma inversão simbólica entre os gêneros no filme e conseqüentemente, acaba por romper com a historicidade desse pré-construído que é “exterior, independente por oposição ao que é construído na enunciação” (COURTINE, 2014, p. 74). Todos esses fatores imagéticos também (res)significam (ORLANDI, 2015) e retomam sentidos de acordo com as formações ideológicas do autor.

O filme *Maria e João* parece produzir sentidos outros para o sintagma ‘Maria’, diferentes daqueles presentes no conto original. A personagem é também capturada, porém, por tentar rever seu irmão, que está preso e hipnotizado pela bruxa. No filme, a bruxa tenta matar João. O garoto é salvo por sua irmã, que revela um poder suficientemente forte para matar a própria bruxa.

Embora Maria salve João nas demais adaptações discursividades, sua inocência e aptidão são bem diferentes. No filme, Maria se apresenta como uma adolescente mais independente, precisando ser amarrada, pois não aceita os mandos e desmandos da bruxa. No interdiscurso, há memórias que colocam Maria na posição de uma menina que, mesmo

esperta, faz tudo o que a bruxa pede. Do movimento interdiscursivo para o intradiscursivo, ou seja, no campo da formulação (ORLANDI, 2015), temos trechos que corroboram a resistência e faz com os sentidos de “Maria” no intradiscurso se deslize para o campo semântico “da mulher forte”. Para observarmos melhor a emergência e a deriva de sentidos, abaixo, recortamos sob a forma de SDs, trechos do filme *Maria e João: o conto das bruxas* (2020).

Figura 3 – SD3: Maria é capturada pela bruxa



Fonte: IMDB, 2020

Figura 4 – SD4: Braços de Maria atados à mesa



Fonte: IMDB, 2020

Figura 5 – SD5: A bruxa ordena que João, uma criança hipnotizada, ande até Maria



Fonte: IMDB, 2020

Figura 6 – SD6: Maria se aproxima de João, tentando liberá-lo do feitiço



Fonte: IMDB, 2020

Nas Sequencias Discursivas acima, observamos Maria encarando a bruxa, e ela exercendo o seu poder (SD4) sobre a adolescente. Nesse filme, Maria empreende a tentativa de salvar João, enfrentando a bruxa com os poderes que tem. João, uma criança hipnotizada, é salvo por sua irmã de ser consumido pelo fogo (SD6). Mesmo atada à mesa (SD3 e SD4), Maria resiste e encontra meios de combater a bruxa.

Pela descrição desses trechos, podemos observar que o filme constrói adaptações do relacionamento da bruxa com Maria, denunciando a relação de força existentes entre elas. Observamos que a adaptação segue em certa medida a hierarquia constituída pela narrativa original, no entanto, as formas de contar e de significar Maria são diferentes. No filme, Maria é (re)significada como uma mulher que enfrenta os infortúnios, sem esperar por alguém que a ajude, salvando o irmão.

Por essa razão, Maria e João: o conto das bruxas se apresenta como uma narrativa mais subversiva, voltada para o horror, tendo em vista que inscreve marcas que atualizam este gênero. Neste longa-metragem, observamos Maria já um pouco mais velha e madura do que o seu irmão. No interdiscurso (COURTINE, 2014), sobretudo nas memórias que constituem os personagens João e Maria, ambos são sempre representados com a mesma idade, como pode ser percebido abaixo em um trecho do conto original:

Figura 7 – SD7: Trecho do conto João e Maria



DEPOIS DE COMEREM BASTANTE, JOÃO E MARIA ADORMECERAM FELIZES EM CAMINHAS MACIAS QUE A VELHA LHEZ OFERECEU. QUANDO ACORDARAM, NO DIA SEGUINTE, A CASINHA DE DOCES TINHA SE TRANSFORMADO NUM VELHO E EMPOEIRADO CASEBRE, CHEIO DE TELAS DE ARANHA.

DESCOBRIRAM QUE A VELHA ERA UMA TERRÍVEL BRUXA QUE QUERIA FAZER DELAS O SEU JANTAR. A BRUXA MANDOU MARIA PREPARAR COMIDA PARA O SEU IRMÃO E REPETIA O TEMPO INTEIRO:

— O MENINO PRECISA ENGORDAR PARA IR PARA A PANELA!

Fonte: IRMÃOS GRIMM, [s. d.], p. 11

Esta mudança na estrutura original da história desloca também os sentidos, sendo Maria interpretada como mais madura (SD6), mais responsável e mais forte que o seu irmão. Em contrapartida, os dizeres no recorte acima apontam para uma Maria mais fragilizada e submissa (SD7). Nos dizeres “A bruxa mandou Maria preparar a comida para o seu irmão”, pensando a assimetria construída, temos as memórias da estabilização da FD que vê a mulher na posição de “dona de casa” que cuida dos afazeres do lar como “preparar comida para seu irmão”. Tratado-o como um rei, mesmo sabendo a motivação da bruxa, é o menino que “precisa engordar para ir para a panela”.

Por que não Maria? Como aferimos anteriormente, essas posições não são ingênuas e respeitam uma ordem maior na qual a mulher, em determinada formação discursiva, é colocada em uma posição de menor prestígio e visibilidade enquanto que, em outra FD, é posicionada como sujeito protagonista. Pensando o contexto socio-histórico (ORLANDI, 1997) em nossa sociedade, ao fazer uma prescrutação acerca das memórias sobre a relação entre a figurativização feminina, percebemos que, na

historicidade, em várias redes de dizeres sobre a mulher, está é relegada ao papel das coisas aparentemente menos importantes como “cuidar da casa”, “dar comida para o irmão”, “varrer, lavar e passar”, enquanto a figura masculina se ocupa da proteção do lar, do subsídio alimentar e financeiro, etc.

Nesse jogo de posições, analisando a interdiscursividade cujo percurso gerativo de sentidos aponta para homem como elemento essencial, João representa o alimento da bruxa, o subsídio existencial da mulher. Ora, tanto a bruxa quanto Maria estão em volta da figura masculina como perturbações que se propagam a partir de um núcleo, a saber, João.

Nesse sentido, João não é mais que o centro o qual permite a narrativa prosseguir. E mesmo sendo seu salvador na recursividade das memórias, Maria não se presta a um serviço de forma submissa, ela tenta libertar o irmão como protagonista (SD6). Deixa de ter um efeito de sentido que retoma memórias de filmes heroicos, de ação e aventura que projeta a figura masculina como ponto focal, e passa a ter um teor de história de terror medieval, com um maior protagonismo feminino. Portanto, o processo de produção de sentidos é constituído, aparentemente, por uma FD diferente que subverte a projeção da mulher objetificada e submissa, pois agora atualiza memórias outras, que jogam na língua pelo movimento polissêmico.

Assim como Pêcheux (1997), reconhecemos a multiplicidade de mídias em que o discurso pode (re)significar. Também como Soares (2022, p. 37), concordamos que estas, mais do que divertir e informar [...], gerenciam “os discursos circulantes ao ponto de se tornar uma espécie de reguladora dos discursos”. Não apenas o texto em sua materialidade oral ou escrita significam. Imagens e até mesmo uma simples trilha sonora instrumental, sem mesmo possuir letra, nas plataformas midiáticas, podem atualizar sentidos do interdiscurso. Dessa forma, os diferentes gêneros fílmicos em ambientes digitais se expandem no vasto espaço digital ressignificando a materialidade (DIAS, 2021).

Considerações

Com o objetivo de analisar como a personagem Maria é (res)significada no filme *Maria e João: o conto das bruxas* (PERKINS, 2020), cumprido através do empreendimento desenvolvido aqui, foi possível constatar que a Análise do Discurso estuda e pesquisa, entre outras coisas, o já-dito, a história do funcionamento social por meio dos usos da língua para analisar como os sentidos significam em seus diversos veículos. Os questionamentos constituídos sobre os sentidos que circulam no social, na

contemporaneidade, nos fazem questionar sobre as possibilidades futuras de ruptura com o sentidos dominantes.

A Análise do Discurso é uma área que se ocupa com os processos envolvidos no significar social, de uma forma e não de outra. Quando vemos um filme, o seu sentido não está dado, pois qualquer materialidade simbólica resgata sentidos que estão (res)significando no interdiscurso (ORLANDI, 2015; PÊCHEUX, 1997; COURTINE, 2014). No caso do filme analisado, podemos compreender que este não aloca Maria na mesma posição em que outras adaptações a alocam. Nas relações de sentidos existentes (ORLANDI, 1997) o filme é uma resposta, no campo imediato a uma FD tradicional que funciona como uma injunção ao pensamento conservador na qual a mulher tem seu papel limitado aos interesses domésticos (JUNIOR, 2017). Como discurso, Maria e João: o conto das bruxas não só coloca espacialmente Maria na frente de João, mas também a posiciona historicamente como protagonista de força e de resistência através da ruptura ideológica.

Enquanto no campo interdiscursivo, vemos as memórias funcionando e mantendo João e Maria como a projeção da ideologia dominante patriarcal machista (JUNIOR, 2017), ao colocar a protagonista num lugar indefeso, em que precisa ser resgatada por seu irmão, um homem heroico, *Maria e João* projeta um discurso de ruptura em relação as memórias constitutivas dessa narrativa. Na adaptação fílmica, a FD do autor trabalha em uma região de sentido em que a polissemia desloca os sentidos de subalternização e submissão feminina para um campo de protagonismo, porquanto coloca Maria numa posição que foge do sentido esperado para uma mulher, segundo a versão original. Em outras palavras, as memórias de João e Maria projeta efeitos de sentido circulantes em uma FD mais conservadora enquanto sua versão mais recente, a saber Maria e João: o conto das bruxas, engendra efeitos de sentido derivados de uma FD progressista.

Referências

- ACHARD, P. *Papel da memória*; tradução Eni Pulcinelli Orlandi. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 7-63.
- COURTINE, J.J. *A análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2014.
- DIAS, C. C. O objeto discursivo na Análise do Discurso: (novas) questões sobre o digital. In: SOARES, T.B; CRUZ, M. S; COITO, R. F (orgs.) *Novas fronteiras em Análise do Discurso: objetos outros*. 1ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

FERREIRA, M. C. *Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso*. Organon, Porto Alegre, RS, v. 24, n. 48, p. 1-12, 2010. Disponível em < <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/174068> >. Acesso em 18 jan. 2023.

IMDB. *Maria e João: O Conto das Bruxas*. Orion Pictures, 2020.

INDURSKY, Freda. AAD-69 - *O marco histórico de um discurso fundador*. Líng. e Instrum. Linguíst., Campinas, SP, n. 44, p. 157-173, jul./dez. 2019.

PERKINS, Oz. GRETEL & HANSEL. Direção e Produção: Oz Perkins. Orion Pictures, 2020. DVD (1h27min)

IRMÃOS GRIMM. *João e Maria*. Gaspar (SC): Todo Livro, [s.d]. 15fls. Disponível em: < http://servicos.rolandia.pr.gov.br/educacao/wp-content/uploads/aulas_online/literatura/Joao-e-Maria.pdf. > Acesso em 11 jan. 2023.

JOÃO E MARIA. Editora Caramelo; Sebo Pacobello, 2020.

JUNIOR, Lenilton D. Análise do discurso de campanhas publicitárias machistas, não-conservadoras e racistas. São Carlos: *Linguasagem*, 2017. Disponível em: < https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/164/pdf_36 >. Acesso em: 21 jun. de 2022.

ORLANDI, Eni P. *A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso*. 4ª ed. Campinas: Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 4ª ed. Campinas, SP: Editora: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethânia S. Mariani *et al.* 3ª ed. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 1997. p. 61-153.

PÊCHEUX, Michel. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

SANTOS, Maria do Carmo Gonçalo; SOARES, Amanda Teresinha Gomes. Era uma vez: os contos de fadas e as relações de gênero na perspectiva das professoras. *Revista debates insubmissos*, Caruaru (PE), Ano 1, v.1, nº 3, set/dez. 2018. Disponível em: < <https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/>. > Acesso em 14/12/2022.

SOARES, Thiago Barbosa. *Percurso Linguístico: conceitos, críticas e apontamentos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

SOARES, Thiago Barbosa. *Percurso Discursivo: heterogeneidades epistemológicas aplicadas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.